

Bourdieu e o fazer teológico

Por Nivia Ivette Núñez de la Paz*

Por Rogério Sávio Link**

Resumo:

O presente artigo tematiza a relação entre Bourdieu e o fazer teológico. Mesmo que este entrecruzamento, para o pensamento de alguns, seja difícil de ser estabelecido, assumimos a tarefa. Acreditamos que os pressupostos bourdianos podem contribuir com a teologia na medida em que eles exigem um compromisso profético com o Evangelho.

Palavras-chave:

Bourdieu – teologia - trabalho religioso - profetismo

Por que tentamos fazer essa relação?

Durante o ano de 2007, o Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP), do qual fazemos parte, debateu artigos da obra de Pierre Bourdieu com o objetivo de estudar sua compreensão sobre o funcionamento do sistema religioso. Uma das questões levantadas foi se seria possível fazer uma correlação entre a teologia e a sua obra. Devido à desmistificação que Bourdieu faz do sistema religioso, seria possível abstrair alguma contribuição para a teologia? Este artigo pretende ser uma possível resposta para essa questão. Ela será dada a partir do entrecruzamento de alguns dos postulados bourdianos e as nossas pesquisas.

* Nivia Ivette Núñez de la Paz é doutoranda do PPG da Faculdades EST e bolsista CNPq. Pesquisa o fenômeno religioso Comunidade Canção Nova, perguntando pela identidade que decorre da relação entre religião e mídia. Endereço eletrônico para contato: nivianpaz@yahoo.com.br.

** Rogério Sávio Link faz doutorado, como bolsista da Capes, em teologia e história na Faculdades EST em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. Seu tema de estudo é a migração e formação do luteranismo na Amazônia. Endereço eletrônico para contato: linkrogerio@yahoo.com.br.

A concepção bourdiana do sistema religioso

Para entender como Bourdieu problematiza a religião, é necessário compreender, primeiramente, como ele estrutura o campo de análise. A terminologia usada por ele para definir o campo religioso pertence ao mundo judaico-cristão e, portanto, é muito familiar para a teologia, a saber, sacerdotes, profetas, magos/feiticeiros e leigos. Essa terminologia foi utilizada por Max Weber que, por sua vez, influenciou a análise de Bourdieu. O sacerdote seria aquele que, por excelência, representa a instituição estabelecida. É aquele que vai produzir a partir de dentro e vai defender a instituição. Ele não produz o novo. “O profeta, ao contrário, é o agente religioso que, em situações extraordinárias, de crise, ou a partir de grupos marginais, produz por seu discurso ou sua prática uma nova concepção religiosa”. Já o feiticeiro é um autônomo que utiliza o imaginário religioso para “atender interesses imediatos e utilitários de sua clientela”¹.

Identificamos, de imediato, o grupo sacerdotal com o clero² e os profetas com aqueles que, em determinado momento, questionam ou modificam a ortodoxia pela qual o clero se rege. Entre os profetas, podem ser encontrados tanto leigos quanto clérigos. Os feiticeiros são aquelas pessoas identificadas como benzedeadas e fazem parte da chamada religiosidade popular³. Os leigos, por sua vez, são aqueles a quem se dirige a produção religiosa, ao mesmo tempo em que costumam ser desapropriados de dita produção⁴. Nesse sentido, a tendência ao estudo das

¹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião: Enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003, (p. 177-197.) p. 186s., 188.

² Nomeados como reverendos, padres, pastores, obreiros etc., segundo a denominação a qual pertencem.

³ A religiosidade popular é toda e qualquer expressão religiosa que está fora do controle das instituições religiosas oficiais. É a partir dessa concepção que André Droogers vai analisar a religiosidade popular luterana. Cf. DROOGERS, André. *Religiosidade Popular Luterana*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

⁴ Cf. BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: MICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, (p. 27-78.) p. 39.

religiosidades populares constitui-se numa tentativa de valorização da produção religiosa dos leigos.

O campo religioso, propriamente dito, tem como princípio a existência de um grupo especializado na produção dos bens religiosos (o clero) e de um grupo que produz excedente econômico (os leigos) para sustentar esse grupo especializado que, em troca, produz o sustento espiritual. Bourdieu chama essa transação que se instaura entre igreja e fiéis de “economia da oferenda”⁵. Essa objetivação do sistema religioso desvenda que a igreja é também uma empresa. Só que essa objetivação é reducionista e pode levar ao esquecimento de que faz parte da sua existência a necessidade de negar esse fato. Assim, Bourdieu afirma que “a verdade da empresa religiosa é a de ter duas verdades: a verdade econômica e a verdade religiosa, que a recusa”⁶.

Para dar conta de explicar essa economia, Bourdieu usa a expressão “economia dos bens simbólicos”. Nessa relação, o preço do serviço deve permanecer escondido⁷. Uma igreja não pode dizer que ela está “vendendo salvação”. Quando essa relação é explicitada, ocorre a crise, semelhante ao que ocorreu com a Reforma Protestante no século XVI. Ao vender indulgências, a Igreja Católica Romana explicitou e desmistificou a relação econômica implícita, o que provocou a reação de parte de clérigos e leigos.

A tendência para o monopólio dos bens religiosos e a exclusão dos leigos

Segundo Pedro Ribeiro Oliveira, o que Bourdieu traz de original para a discussão sobre o problema da autonomia da religião como um campo de análise é a noção de trabalho religioso. As relações sociais produzidas pela religião, embora

⁵ Cf. BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996, p. 158.

⁶ BOURDIEU, 1996, p. 184s.

⁷ Cf. BOURDIEU, 1996, p. 161ss., 193.

falem do “transcendente”, “sobrenatural”, “absoluto”, são “bem ‘terrenas’, [...] têm muito a ver com as alianças ou antagonismos entre os grupos ou classes”. Assim, quanto mais afastados estão os produtores especializados dos consumidores, mais autônoma e especializada é a religião. Uma igreja nessas condições é extremamente clericalizada e dá a impressão de não necessitar dos leigos, como se fosse um sistema que paira sobre tudo⁸. Nas palavras de Bourdieu:

As diferentes formações sociais podem ser distribuídas em função do grau de desenvolvimento e de diferenciação de seu aparelho religioso, isto é, das instâncias objetivamente incumbidas de assegurar a produção, a reprodução, a conservação e a difusão dos bens religiosos, segundo sua distância em relação a dois pólos extremos, o auto-consumo religioso, de um lado, e a monopolização completa da produção religiosa por especialistas, de outro lado.⁹

Como o campo religioso tende a mover-se em direção ao completo domínio e monopólio dos agentes especializados, pode-se perceber nas diferentes igrejas uma tendência para excluir ou tornar cada vez mais submissa a participação dos leigos. O acesso ao clero torna-se gradativamente mais exigente. As instituições de saber teológico (seminários e faculdades de teologia) tendem a ser muito mais especializadas.

Conflitos decorrentes do monopólio

Esse movimento em direção ao monopólio ocorre num campo de conflito que pode transparecer tanto entre o clero e os leigos quanto dentro do próprio clero¹⁰. Como observa Oliveira, ao interpretar Bourdieu:

Essa tendência do campo religioso à autonomia completa é contrabalançada pela reação dos grupos e classes sociais desprivilegiados, que buscam um sentido alternativo para justificar

⁸ Cf. OLIVEIRA, 2003, p. 181ss.

⁹ BOURDIEU, 1992, p. 40.

¹⁰ Cf. BOURDIEU, 1992, p. 62, 67.

sua condição existencial, recorrendo à autoprodução religiosa ou a agentes marginalizados pelas instituições dominantes. Há, portanto, duas fontes de tensão internas ao campo religioso: uma, que opõe “agentes especializados” à autoprodução dos “leigos”, e outra que opõe os “agentes especializados” entre si no atendimento às demandas leigas.¹¹

Portanto, dessas tensões entre agentes especializados e leigos e entre agentes especializados e outros agentes especializados, surgem os conflitos dentro das instituições religiosas. As diferentes linhas teológicas são expressões dessas tensões. No caso da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), como estratégia de barganha, os leigos luteranos usam, no discurso (mas também na prática, em alguns casos), ameaças de mudarem para a IELB (Igreja Evangélica Luterana do Brasil). Com esse tipo de ameaça, eles tentam neutralizar ou diminuir tensões decorrentes de posicionamentos diferentes, mas também tentam conseguir algum tipo de vantagem frente à instituição. As ameaças são freqüentemente usadas para conseguir recursos financeiros ou para abrir um novo campo de atuação pastoral¹². Elas também surgem quando os leigos não concordam com os posicionamentos dos pastores locais. Assim, os obreiros tendem a ceder perante os membros para evitar conflitos maiores¹³. Os pastores, por exemplo, podem falar abertamente sobre política com aqueles que não são membros. Na presença dos membros, as palavras tendem a ser atenuadas e comedidas.

Por outro lado, mesmo que um clérigo queira contestar o sistema, ele é condicionado a reproduzi-lo, pois sua manutenção vem da ordem. “Em uma sociedade dividida em classes, a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas próprias aos diferentes grupos ou classes, contribui para a perpetuação e para a reprodução da ordem social [...]”¹⁴. Assim, os contestadores são acusados por

¹¹ OLIVEIRA, 2003, p. 185s.

¹² Cf. LINK, Rogério Sávio. *Luteranos em Rondônia: o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil 1967-1987*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 64ss.

¹³ Cf. BOURDIEU, 1992, p. 67.

¹⁴ BOURDIEU, 1992, p. 52s.

aqueles que estão nas direções das instituições de não fazerem mais parte da igreja, de estarem subvertendo a ordem. “Neste sentido, por estar investida de uma função de manutenção da ordem simbólica em virtude de sua posição na estrutura do campo religioso, uma instituição como a Igreja contribui sempre para a manutenção da ordem política”¹⁵.

No caso das tensões entre os agentes especializados, Bourdieu afirma:

O conflito pela autoridade propriamente religiosa entre os especialistas (conflito teológico) e/ou o conflito pelo poder no interior da Igreja conduz a uma contestação da hierarquia eclesiástica que toma a forma de uma heresia do momento em que, em meio a uma situação de crise, a contestação da monopolização do monopólio eclesiástico por parte de uma fração do clero depara-se com os interesses anticlericais de uma fração dos leigos e conduz a uma contestação do monopólio eclesiástico enquanto tal.¹⁶

Como exemplo dessa tensão, podemos citar o surgimento e, em alguma medida, o desenvolvimento da Comunidade Canção Nova (CCN). A CCN faz parte da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) e, ao mesmo tempo, da Renovação Carismática Católica (RCC). Reconhecida como precursora das comunidades de vida no Brasil, a CCN conflitou tanto com outras práticas existentes na igreja quanto com a própria instituição, ao instaurar um modo diferente de convívio. Nas suas palavras: “homens e mulheres vivendo juntos em sadia convivência”, que significava a inauguração de uma nova forma de viver em comunidade dentro da ICAR.

O fato de fazer parte da RCC e identificar-se com a sua proposta teológica imprime a CCN uma marca contestatória com relação à igreja tradicional. A ICAR, no olhar da CCN, necessita transformar-se, buscando sintonia com o tempo presente e com o contexto no qual se encontre inserida. A CCN, no olhar da ICAR, representa a subversão da tradição e, talvez, até a indisciplina clerical, mas é tolerada pelo fato de conseguir diminuir o número de leigos que abandonam a igreja.

¹⁵ BOURDIEU, 1992, p. 72.

¹⁶ BOURDIEU, 1992, p. 62.

Bourdieu e a teologia profética

A análise de Bourdieu desmistifica a religião, pois torna público aquilo que deveria permanecer velado. O próprio discurso teológico seria formulado pelos especialistas como um produto a ser “vendido” para os leigos, demonstrando, assim, o seu caráter econômico. Ao afirmar que a religião teria a função de manutenção da ordem simbólica, denuncia a participação das instituições religiosas na manutenção do status quo. Dessa forma, torna difícil para os especialistas e para as instituições responsáveis pelo fazer teológico reconhecer em Bourdieu um parceiro para o diálogo. Mas é justamente aqui que reside a proximidade entre Bourdieu e a teologia. Ele ajuda no fazer teológico porque explicita as relações de dominação das instituições e dos agentes. Ao desvelar as relações sociais implícitas no trabalho religioso, ele está assumindo uma posição profética. Nas suas palavras:

[...] a contestação profética (ou herética) da igreja ameaça a própria existência da instituição eclesial no momento em que põe em questão não apenas a aptidão do corpo sacerdotal para cumprir sua função declarada (em nome de recusa da “graça institucional”), mas também a razão de ser do sacerdócio (em nome do princípio do “sacerdócio universal”).¹⁷

O profeta é aquele que desestabiliza a instituição religiosa. Para nós, Bourdieu pode ser considerado um profeta. Para a teologia, esta posição profética é central. Representa a dinâmica do Evangelho, na medida em que tira as igrejas e instituições das amarras que o mundo impõe e possibilita o surgimento de vozes e grupos contestatórios que são expressão dessa dimensão profética. As diferentes correntes teológicas que contestam ou contestaram em um determinado momento as instituições tradicionais representam essa dimensão profética. Elas denunciam a rotinização da igreja e chamam para uma vivência evangélica mais autêntica.

¹⁷ BOURDIEU, 1992, p. 61s.